



Nós, Cidadãos está na forja. O juiz Rui Rangel, o historiador Mendo Castro Henriques e o cantor José Cid são alguns dos protagonistas

Pequenos aproveitam fraqueza de partidos

● **Mais** movimentos procuram ser alternativa nas eleições tirando proveito da contestação às forças da Maioria e da divisão à Esquerda

Carla Soares
carlas@jn.pt

Mais um movimento deu início ao processo de legalização enquanto partido. O Nós, Cidadãos quer crescer entre PS e PSD. E disputar eleições, tal como o Livre e Marinho e Pinto. O desafio é não ficar pelo caminho.

Dentro de um mês, “no máximo”, será feita a entrega final das assinaturas, com os estatutos e a documentação necessária para que o Tribunal Constitucional aceite o movimento como partido, disse ao JN Mendo Castro Henriques, que coordena o Nós, Cidadãos. Ontem, entregaram

metade das 7500 assinaturas exigidas, como “forma de estimular a angariação” e de assinalar o segundo aniversário dos protestos de 15 de setembro, explicou o presidente do Instituto Democracia Portuguesa (IDP), associação cívica fundada em 2007. Em dezembro, realiza-se o congresso fundador do novo partido.

O juiz Rui Rangel, membro da direção do IDP, estará igualmente na linha da frente do “Nós”. E também o cantor José Cid foi noticiado como apoiante. Nos órgãos daquela associação cívica surgem, por sua vez, D. Duarte de Bragança, na presidência

de honra, e Rui Moreira, presidente da Assembleia Geral, que foi ele próprio eleito para a Câmara do Porto através de um movimento.

Quando surgem novos partidos no horizonte, o de Rui Tavares ainda procura afirmar-se. O eurodeputado que rompeu com o BE em 2011 constituiu o Livre a tempo das europeias e a pensar nas legislativas. Naquelas eleições, foi eleito Marinho e Pinto pelo Movimento Partido da Terra (MPT). Mas agora tem na forja um novo partido para disputar as legislativas.

Em comum, estas forças têm um desafio: não serem

um mero “epifenómeno”. Porém, não podemos colocar todos no mesmo saco, crê o politólogo António Costa Pinto. A propósito do Nós, Cidadãos, sublinhou que “é difícil criar novos partidos na área do Centro que não sejam partidos de protesto, antissistema e antipolíticos”.

“Mais fácil é um empresário político destacado criar um partido depois de já ter sucesso eleitoral”, contrapôs, aludindo a Marinho e Pinto. Mas “nem mesmo” este eurodeputado “está consolidado”.

Marinho e Pinto anda “à procura da melhor solução para ele”. E, segundo António Costa Pinto, os novos partidos “têm mais hipóteses quando avança uma figura primeiro e depois o grupo”.

Além disso, também “têm mais sorte os que não são pequeníssimos grupos dissidentes, que podem ser absorvidos pelo PS”, sublinha, aludindo, por exemplo, à aproximação que o grupo de Ana Drago, dissidente do Bloco, quer fazer aos socialistas. ●